



1290000253



FE

TCC/UNICAMP AL87q

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

Título: *Querem o que o meu corpo quer?*

Aluna: Kelynn Midori Alves

Orientação: Prof^a. Dr^a. Isabel Marques

Julho/97

KELYNN MIDORI ALVES

Querem o que o meu corpo quer?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Isabel Marques.

Campinas, SP
1997

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA:	TCC - UNICAMP
	AL 879
V.	
TOMADA	253
PROG	124/2003
C.	2
PREL	11.00
DATA	05/11/03
Nº CDD	B67nd3309 20

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

AL87q

Alves, Kelynn Midori.

Querem o que o meu corpo quer / Kelynn Midori
Alves. -- Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador : Izabel Azevedo Marques.

Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Corpo. 2. Educação. 3. Tecnologia. 4. Criança. 5.
Autoridades corporais*. I. Marques, Izabel Azevedo. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

Folha de aprovação:

Profa. Dra. Isabel Azevedo Marques
Campinas, ____ / ____ / 1997.

Profa. Roseli Cação Fontana
Campinas, ____ / ____ / 1997.

À
Meus pais e amigos, Alzir Neto Alves e Tereza Massayo
Alves, que estiveram e estão compartilhando comigo
sonhos e realizações,
assim como meu irmão, Alexandre Aideki Alves,
e também a minha orientadora e companheira, Isabel
Marques.

Agradecimentos:

Isabel Azevedo Marques, pelo compromisso, carinho, amizade e pela ajuda e incentivo no traçar e descobrir novos e outros caminhos para a educação e para a vida.

Roseli Cação Fontana, pelo apoio, pelas grandes idéias e pelo carinho sempre presente.

Andréia do Carmo, pela amizade em conversas, gestos e olhares.

Ana Flávia Cantarelli, por ter sido uma das responsáveis em plantar a semente e que agora juntas colhemos os frutos.

Ana Lúcia Goullart de Faria, por ser verdadeiramente uma professora comprometida em ajudar suas alunas e alunos a descobrirem suas potencialidades.

Lilia Asuca Sumiya, pela amiga em todos os momentos de dificuldades e de alegrias durante estes quase cinco anos de Unicamp.

Aos alunos e alunas da 3ª série de 1995 da Escola Municipal Humberto Castelo Branco, pela contribuição, pelo carinho, pelos sorrisos e por terem compartilhado comigo, durante um ano, as formas de expressar e sentir de nossos corpos.

UNICAMP
BIBLIOTECA

“ Ainda que as árvores da floresta humana sejam diferentes, o vento que sopra mexe com todas. Reconhecemos que, poetas ou pragmáticos, somos todos afetados ”

(Babin e Kouloumdjian, 1989)

Sumário

I. O começo deste fascínio:	09
II. Nossos corpos	15
II.1 - <i>Corpo (des)envolvido pela sociedade</i>	16
II.2 - <i>Barbie e super-herói: Corpos ideais</i>	18
II.3 - <i>Corpo e máquina</i>	20
III. Corpo, educação e sociedade tecnológica	27
III.1 - <i>"Não nos educamos mais como antigamente":</i> Educação na atualidade	28
III.2 - <i>"Corpo também é cultura": Corpo e conhecimento</i> ..	35
IV. "O que eu quero ser quando crescer?": Autoridades corporais	39
IV.1 - <i>Meu corpo x seu corpo</i>	41
IV.2 - <i>Corpo escolarizado</i>	45
IV.3 - <i>"Imagem não á nada, sede é tudo, obedeça sua sede, beba Sprite!" - Corpo e TV</i>	47
V. Considerações finais	49
VI. Referências Bibliográficas	53

Índice das ilustrações

II. Nossos corpos	15
III. Corpo, educação e sociedade tecnológica	27
IV. "<i>O que eu quero ser quando crescer?</i>": Autoridades corporais	39
V. Considerações finais	49

I. O começo deste fascínio

A vontade de estudar o corpo veio principalmente do encantamento que o tema me desperta. Isto porque é através do corpo que podemos nos relacionar, sentir e comunicar com as outras pessoas e com o meio em que vivemos. É graças a ele que podemos ter a certeza da emoção/sensação de estarmos vivos.

Escrever sobre corpo surgiu de uma reflexão inicial: como educadora estou lidando essencialmente com indivíduos e, portanto, com corpos; corpos que se expressam, percebem, sentem, refletem, constróem, questionam, se opõem e criam. Como uma das "educadoras de corpos" quero descobrir, conhecer, analisar, questionar e perceber estes corpos, considerando-os fontes de diferentes possibilidades e/ou restrições, pois o corpo é um elemento receptivo e participativo nos espaços sociais nos quais ele está presente.

Há dois anos atrás dediquei-me a pesquisar, ou melhor, ter pelo menos um primeiro contato com o tema durante estágio realizado em uma escola municipal no bairro Jardim Nova Europa na cidade de Campinas (SP). Trabalhei com crianças de 9/10 anos da 3ª série do 1º grau para a disciplina - Estágio Supervisionado de Primeiro Grau (EP. 518 e EP. 618), ministrada pela Profª. Roseli A. Cação Fontana.

Neste período intitulei meu projeto de: "O nosso corpo como forma de expressão". Estava preocupada em observar a potencialidade e o desejo de manifestação dos corpos destas crianças, assim como daqueles que aparecem nos meios de comunicação e na arte. Fiz ainda uma revisão bibliográfica sobre a capacidade que a sociedade possui de embutir no indivíduo a "tradição anticorpo", por moralismos e pudores. Isto é, emoções e sensações podem ser reprimidas no ser humano, tornando-o incapaz de encarar o seu próprio corpo como via de acesso

ao conhecimento e descobrimento de si próprio (Bernardi, 1991; Guimarães, 1995).

Durante este estágio pude desenvolver algumas atividades importantes para colocar a temática do corpo. Em uma delas mostrei às crianças comerciais de televisão e alguns anúncios de revista nos quais o corpo ia se apresentando como principal meio para a venda de um dado produto, ou seja, corpos que se apresentam com o intuito de que algo fosse consumido. Infelizmente, por motivos de reforma na escola em que estava estagiando, suas aulas foram encerradas antes do tempo. Assim, não foram possíveis a realização de três atividades que havia previsto, entre elas estava a apresentação de pinturas e esculturas mostrando as marcas do corpo, e, portanto, expressões que alguns artistas queriam comunicar a seu público.

Graças a este estágio, pude traçar relações iniciais entre corpo/mundo/escola das crianças e entre o meu corpo/mundo/escola. Como meu corpo foi socialmente construído e como os corpos das crianças estão sendo socialmente construídos. Deste trabalho restaram-me algumas indagações... Por que será que algumas pessoas permitem a negação de seu próprio corpo? Como surgem moralismos e pudores com o nosso corpo e com o das outras pessoas? Será que este indivíduo receia descobrir-se? Noto, no entanto, que não há muita preocupação por parte da sociedade em geral, e especialmente pela escola e pela literatura pedagógica, em abordar o tema corpo. Existe sim uma vasta bibliografia na área educacional tratando de metodologias, desenvolvimento cognitivo da criança, fracasso escolar, psicologia infantil, alfabetização, entre outros temas. Infelizmente, o indivíduo como um corpo individual e social é geralmente ignorado, ou simplesmente esquecido por grande parte de nós, educadores(as).

É especialmente por considerar este assunto um tema abrangente e interessante que desperta em mim um grande fascínio, que decidi pesquisar, estudar e explorar com mais profundidade aquilo que percebo/vejo/observo em mim e nas outras pessoas sobre o corpo e suas relações com os processos educacionais.

São muitos os espaços em que corpos estão presentes, atuando e/ou recebendo informações, ou melhor, sendo educados. Estes espaços são na realidade ambientes sociais que exercem poder sobre nós, pois são forças externas sobre o corpo, ou "autoridades corporais" (Johnson, 1990). Estas forças externas estão diretamente relacionadas e assumem explícita ou implicitamente o poder de educar, de transmitir valores e informações, normas e conhecimento. São forças sociais que detêm um poder, seja ele legitimado ou não. Refiro-me a um poder dotado da capacidade em ditar regras para um possível bem-estar corporal das pessoas, bem-estar corporal este que pode se confundir em estar bem corporalmente no sentido social e/ou individual.

Algumas destas forças externas estão na família, nos meios de comunicação, na escola, nas tecnologias, nos especialistas em geral (como médicos, esteticistas e professores). Estas autoridades estão presentes na educação de nossos corpos, agindo muitas vezes de maneira meticulosa e às vezes articuladas entre si, uma (re)afirmando a autoridade da outra. Neste trabalho, irei privilegiar três destas autoridades: os meios de comunicação, alguns especialistas e a escola.

A mídia, como uma destas forças externas, tem-se utilizado do corpo de diversas maneiras, sendo que uma delas é a de propagar corpos ideais, ou seja, um

corpo que considere os "muitos ideais, que vão da boneca Barbie aos heróis musculosos" (Johnson, 1990, p. 104). Estes são modelos corporais que estão presentes na mídia e que apresentam referenciais de como o nosso corpo pode/deve apresentar-se em público. Simultaneamente a isso, há uma incitação ao consumo de determinados produtos porque assim supostamente teremos um corpo como o que aparece na TV, por exemplo. O consumo destes produtos incentivam ainda mais a busca por um corpo ideal, ampliando o crescente mercado de produção/consumo que está disponível para atender a este tipo de necessidade/desejo (Sant'Anna, 1994).

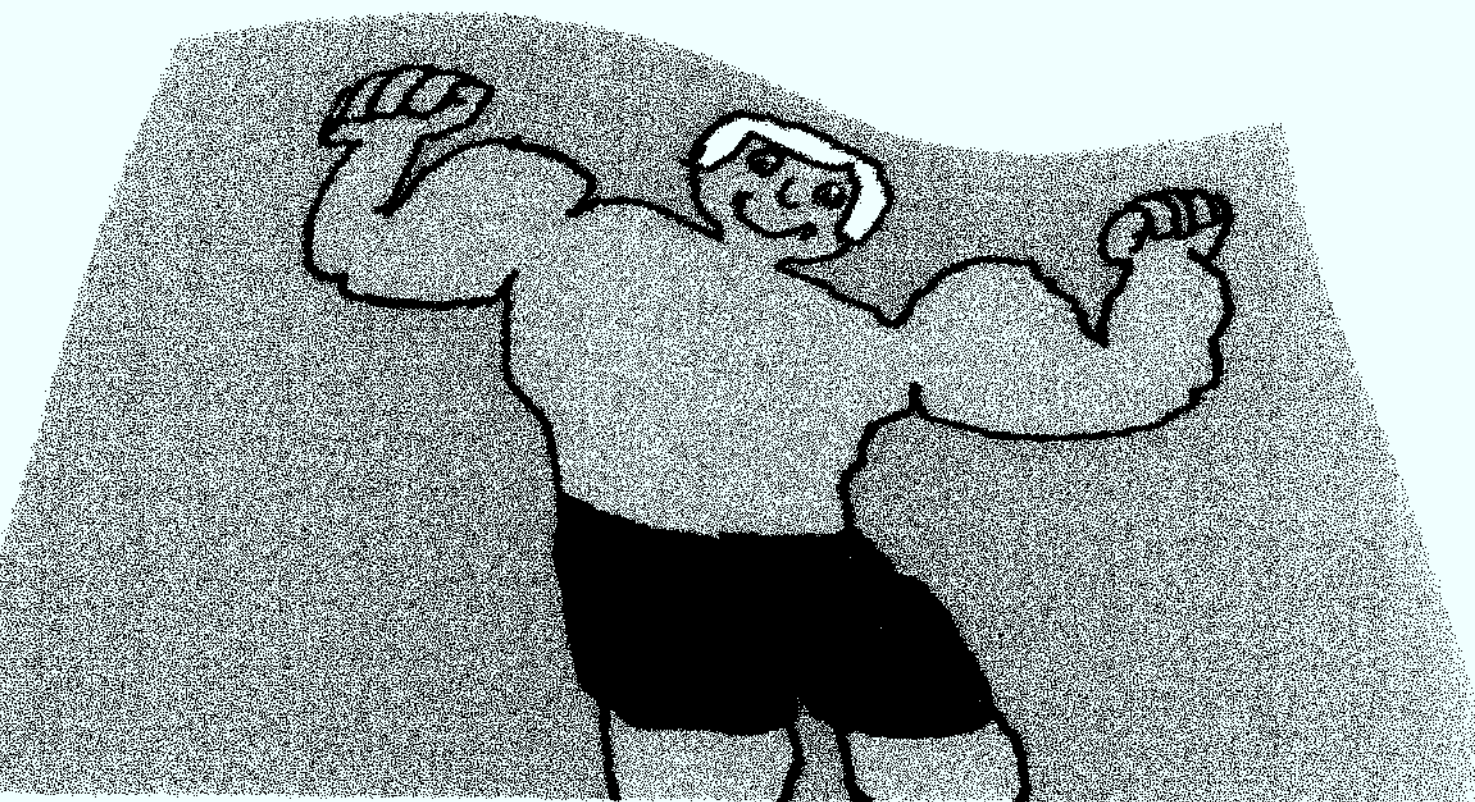
Outra força externa que pretendo considerar é a dos "especialistas do corpo", criticados por Don Johnson (1990). Segundo este autor, especialistas julgam-se conhecer mais a respeito do corpo de outrem do que o próprio indivíduo, desconsiderando muitas vezes a opinião ou o conhecimento que ele/ela possa ter de seu próprio corpo. Como consequência, o indivíduo afasta-se de seu próprio corpo entregando-o a autoridades externas. Este afastamento é resultado, entre outros motivos, do poder que os especialistas têm em dizer o que está ocorrendo com o "meu" corpo, evidenciando a confiança, às vezes cega, dada a estes "profissionais do corpo". Profissionais tais como ortopedistas, terapeutas, pais e mães, professores, políticos, padres, enfim todos aqueles que, para Johnson, são escolhidos oficiosamente e que acabam estabelecendo padrões corporais de saúde, educação e atitudes.

Em relação ao corpo na escola ... Silva (1994) aponta para os corpos que devem estar imóveis, por exigência deste ambiente, mesmo em se tratando de um corpo que está incessantemente em movimento e/ou desejoso por ele. Refiro-me a uma escola que desconsidera os seus alunos e alunas como corpos em contínuo movimento. Milton de Almeida (1994) exemplifica esta situação narrando uma

aula cujo tema é "a circulação do sangue no corpo humano", em que corpos são "friamente" apresentados através de recursos visuais como numa maquete, ou seja, a corrente sangüínea ou um sangue "quente" e em constante movimento são exibidos de maneira "fria", estática e através de bonecos e/ou ilustrações. Há, da mesma forma, a incessante cobrança de silêncio na sala de aula para que esteja atenta ao que o professor diz sobre o percurso do sangue em nosso corpo, sala esta repleta de alunos que não conseguem parar de conversar, levantar, andar, jogar papéis nos colegas, desenhar, ler, escrever idéias e assuntos que não têm nenhuma relação direta com o que o professor está dizendo. Estes exemplos retratam um horizonte ou uma infeliz realidade em que não existe entendimento entre alunos(as) e educadores(as) no que diz respeito a objetivos e procedimentos. Ambos estão num mesmo ambiente social utilizando-se de linguagens diferentes sobre/com o corpo, buscando alcançar uma meta em que o conhecimento é o mediador e possivelmente um motivo para estas pessoas estarem juntas no espaço institucional chamado escola.

Esta distância entre educadores e educandos talvez seja mais agravante se considerarmos a sociedade atual. Mergulhados no universo da cultura informatizada/digital, nossos corpos agem e reagem, assimilam e propagam formas de se comportar, pensar, sentir, conhecer, ordenar, utilizar o tempo e o espaço de uma nova maneira. Nos dias de hoje, das relações entre corpo e máquina resulta um corpo que sente, fala e se educa de um outro modo, principalmente se forem comparadas às crianças que cresceram na década passada. A mudança que vem se efetivando é evidente. Basta estarmos atentos às possibilidades que hoje temos de conexão com pessoas de todo o mundo através da telecomunicação "sem corpo", ou seja, da comunicação através da linguagem digital (Lévy, 1993).

Diante desta situação, meu trabalho tem este objetivo: observar, refletir, questionar, falar de corpo no processo educacional ao qual estou e estamos todos sujeitos na sociedade digital. Somos constantes educandos da televisão, jornal, revista, filme, família, professor(a), rua, trabalho, enfim, todo espaço social. Considerando o corpo como um criador e via de inúmeras possibilidades e em atividade constante, capaz de atrair e repugnar, aceitar e negar, criar e reafirmar forças sociais que incansavelmente o estão educando numa sociedade em intensa transformação, vejo o meu corpo/corpo dos alunos numa encruzilhada em que lhe são oferecidos e destinados caminhos, restando descobrir: Querem o que o meu corpo quer?



II. Nossos corpos

II. 1 - *Corpo (des)envolvido pela sociedade*

O corpo é antes de tudo a manifestação de uma cultura construído em uma dada sociedade num dado período histórico. Imersos em sociedade, nossos corpos fazem parte de um processo que, conforme afirma Denise B. Sant'Anna (1994), pertence à história, não sendo portanto "impermeável" às marcas de uma civilização. De acordo com esta historiadora, o corpo não cessa de ser (re)fabricado ao longo do tempo em que estão presentes suas vivências e (d)escritas histórias. Sant'Anna afirma que o corpo é uma memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, pois a palavra corpo é polissêmica numa realidade multifacetada. Isto é, como membro agente e paciente das diversas e diferentes experiências e acontecimentos aos quais está sujeito, o corpo toma para si esta realidade, ele a incorpora e com ela interage, como define Paul Schilder (*in* Johnson, 1990):

o que qualquer indivíduo chama de "meu corpo" não é algo limitado à carne e às roupas, é algo que pode ser encontrado e se expandir, pode dar algumas partes para o mundo exterior e trazer outras para dentro de si (p. 66).

Diante disto, considerar o corpo como algo "natural", que apresenta ações e reações completamente insentas de influências sociais, torna-se uma tarefa difícil atualmente. Aquele corpo que apresenta aspectos que à primeira vista parecem "naturais" podem estar carregando, na verdade, um bem comum de uma sociedade e de uma cultura (Schmitt, 1994). Ou seja, marcas corporais culturais e sociais que herdamos desde criança, podem estar apenas sendo "naturalizadas" pela sociedade.

Havendo normas e valores sociais existe necessariamente corpos que se apropriarão deles, formando corporalmente a sociedade, pois "o corpo de cada um de nós é um artifício, um produto da comunidade visivelmente manifestando os

valores dos que estão envolvidos nesta tarefa" (Johnson, 1990, p. 80). Isto funciona como uma busca de um "corpo civilizado" que conviverá de uma forma socialmente pré-estabelecida, evidenciando o objetivo de civilizar condutas humanas (Vigarello, *in* Sant'Anna, 1994). Inseridos na sociedade estamos preparados e em preparação para (con)vivermos nela (este "aprendizado" se dá durante toda a nossa vida). Somos considerados "civilizados" quando sabemos e reconhecemos maneira(s) apropriada(s) de nos comportar perante situações sociais. Do mesmo modo, é graças ao processo civilizatório, que temos também a chance de aprender e refletir sobre os diferentes modos de convivência social.

Por um lado, este processo de "civilização de corpos" pode estar ignorando percepções, observações, reflexões, questionamentos pessoais em relação aos nossos próprios corpos. O corpo, neste caso, torna-se somente um projeto social, dando-nos a impressão de um corpo manipulado e que segue métodos que respeitam cegamente as normas sociais. Estes projetos acabam ajustando corpos de acordo com modelos externos, transmitidos desde a infância (Johnson, 1990). Um recurso utilizado para a transmissão destes valores sociais é a disciplina no sentido de Michel Foucault (1994), que exige uma sujeição do indivíduo à ação de estar de acordo com o previamente estabelecido pela comunidade como a forma "correta" e "ideal".

Por outro lado, é percebendo, observando, refletindo, conhecendo e fazendo parte deste processo de "civilização de corpos" que poderemos assumir, questionar, analisar, transmitir ou refutar estes mesmos ideais sociais. Quando educamos e somos educados temos muitas vezes acesso a mecanismos, valores, regras e informações que nos auxiliem numa reflexão consciente a respeito deste processo de civilização. No entanto, termos acesso não significa necessariamente que utilizamos este auxílio para nosso benefício.

II. 2 - *Barbie e super-herói: Corpos ideais*

A força sobre os corpos dos outros que algumas pessoas e certos mecanismos sociais possuem provocam mudanças comportamentais de diversas maneiras em todos nós, mudanças estas que podem ir desde a uma ingênua admiração por um artista da TV até querer ser como este artista, ou seja, desejar ter sua aparência. Esta é a ilustração de uma reação que pode ocorrer em nós frente a anúncios, novelas, *outdoors*, desfiles de moda, enfim, imagens que vemos diariamente e que nos fazem modificar - e até mesmo assumir - um outro/novo comportamento. Diante de uma diversidade de imagens exteriores capazes de exercerem uma variedade de influências que podem se dar, por exemplo, no modo como nos vestimos ou como falamos, assistimos também a um desfile em nossa sociedade de diferentes características corporais femininos ou masculinos, negros ou brancos, baixos ou altos, gordos ou magros, etc. Alguns são considerados "belos" (algo positivo), outros "feios" (como algo negativo). Ser taxado de "feio" relaciona-se a não se apresentar segundo normas ideais de beleza estabelecidas socialmente. Olhando mais atentamente estas imagens corporais sobre nossa sociedade, é muitas vezes inevitável concluir que há certos "tipos" fisionômicos que são mais ou menos valorizados. Por exemplo, ser mulher, pobre, negro(a), gordo(a), entre outras possibilidades, é normalmente sinônimo de inferioridade. Por outro lado, estima-se mais acentuadamente em nossa sociedade aquele que é rico(a), branco(a), alto(a), magro(a), homem. Claude Fischler (1994) discute, por exemplo, a dificuldade de ser gordo nos dias atuais, pois estas pessoas normalmente enfrentam a discriminação num mundo que legitima a magreza, fruto de uma sociedade que sofre de libofobia¹.

¹ O autor aponta pesquisas de diversos países em que pessoas mais gordas são amáveis e comunicativas, ao contrário das mais magras. Então se é gordo, são criadas expectativas para o desempenho de "certos papéis sociais" e neste caso específico, ser engraçado é o mais comum. Em uma pesquisa francesa o gordo foi classificado como benigno e maligno, o primeiro seria aquele "bon vivant", apreciador de uma boa comida, ao contrário do maligno seria aquele sujeito que não tem controle sobre si, é repressivo e egoísta,

Nossa sociedade não considera muitas vezes os diferentes "tipos" fisionômicos que estão presentes nela, isto porque segue prezando e propagando "corpos ideais". Corpos ideais são inicialmente corpos que se apresentam saudáveis, belos, sensuais e jovens. Um corpo ideal é para Don Johnson (1990) um "esboço visual de como *o* (não o "meu") corpo *precisa* (não "deve" ou "pode") parecer" (p. 104), os ideais corporais estão em toda parte, possuindo tão ampla atuação que raramente sentimos seus efeitos sobre o nosso comportamento. Aprendemos a ajustar nossos corpos às formas ideais e a termos uma postura pré-determinada. Algo evidente, quando se trata de um corpo ideal, é que este corpo existe normalmente fora de nós, ou seja, são padrões corporais sociais estabelecidos de como o nosso corpo deve se comportar e aparentar, e por isso é algo idealizado. Entretanto, o autor ressalta que um ideal não precisa necessariamente ter a conotação de algo ruim, e sim que um ideal serve também de parâmetros para o "como" e "para quê" usamos na realidade os nossos corpos. Isto porque podemos estar correndo o risco de estarmos delimitando a nossa capacidade corporal ao invés de ampliá-la.

Entretanto, quando não se é ou quando não se tem um "corpo ideal" (Johnson, 1990), parece existir uma forma de compensação. Isto é, existe uma maneira de "reparar" este "defeito" com uma possível qualidade, como por exemplo, o do gordo de "ser gordo porém cômico"; a de ser mulher, porém pode "agradar aos homens". Além disso, existem formas de reparação para ajuste ao corpo ideal, como dietas, próteses, cirurgias plásticas, equipamentos de exercícios, certos tipos de comida, roupas e cosméticos. Algumas destas "correções", convém lembrarmos, chegam a ser necessárias por razões de saúde, como são dietas e

e para que este indivíduo seja categorizado de "gordo bom" ou "gordo mau", isto vai depender da imagem social que demonstrar. "Para não ser rejeitado de um grupo, cabe ao gordo ser o foco de atenção assumindo o papel de engraçado, o bobo, o confidente, saco de pancadas, etc" (p. 76). O autor aponta que a "graça" pode vir da própria corpulência, ou seja, ter excesso de gordura é motivo para zombaria, risos ou o suficientemente para "chamar a atenção" dos outros (Fischler, 1994).

regimes em que a pessoa necessite emagrecer porque está com problemas cardíacos, ou engordar porque está anêmica, ou ainda por ter sofrido um acidente em que seu rosto foi atingido por queimaduras e daí é preciso que sejam feitas cirurgias plásticas para que se recomponha sua face, e assim, como estes exemplos existem muitos outros.

Seja qual for a relação que estabelecemos com o nosso corpo, a minha reflexão está em torno de que saibamos reconhecer e valorizar as necessidades próprias de nossos corpos. Preocupar-se com o corpo é tornar-se capaz de cuidar da própria saúde (Johnson, 1990), e isto é possível quando as pessoas conseguem obter conhecimento sobre o seu próprio corpo, e não quando estas informações são dominadas e manipuladas por um grupo específico de pessoas. Schilder (*in* Johnson) reforçando esta idéia, afirma que a percepção que qualquer pessoa tem de seu próprio corpo contém infinitamente mais coisas do que podem ser descritas por qualquer análise objetiva.

Uma possibilidade inicial para transformação deste quadro de domínio e controle de alguns corpos sobre outros talvez esteja em ficarmos mais atentos ao próprio meio em que estamos mergulhados e permitir (ou não) que se tome para si valores que são apenas sociais. Ou seja, reconhecer conscientemente aquilo que é bom para mim, ainda que seja também um valor social.

II. 3 - Corpo e máquina

Nossa vida social está se adequando, apropriando e criando valores, assim como padrões de comportamento, a partir de interesses do período histórico atual em que vivemos, momento este marcado pela era digital. A era da informática trouxe, entre outras coisas, uma preocupação cada vez maior com o corpo, fato

claramente evidenciado pelo aumento do número de academias, aparelhos, alimentos, roupas, cosméticos, enfim recursos que auxiliem na obtenção de um corpo "belo, jovem e sensual". Um corpo que, envolvido por este desejo, crê na era tecnológica como uma forte "parceira": com ela e através dela surgem novos recursos em que nosso corpo pode ser transformado, aperfeiçoado, exercitado, e assim concretizar "aspirações"¹.

Atualmente, entre os atributos sociais considerados positivos e portanto aceitos para que um corpo seja ideal é o da juventude. Mesmo assim, a tendência inevitável de nossos corpos é de envelhecer. Travamos uma luta constante com o tempo que traz suas marcas, pelos sinais de flacidez, do não polido - não liso, não esticado - da falta de resistência física, rugas, osteoporose, enfim tudo aquilo que demonstra a perda/ausência de aspectos do que é ser de fato jovem. Desta forma, desponta, em nossa época uma batalha em que há um "inimigo" e um "aliado" para o corpo, são eles: o tempo e a tecnologia, respectivamente.

Destes desejos, para a obtenção do corpo jovem, surge a relação: corpo e máquina, relação esta que funciona como uma "mistura", uma "simbiose". Uma simbiose que de acordo com Sant'Anna (1994) chega a ser rotineira nos dias de hoje, alertando a importância de um questionamento sobre as relações agressivas (de impacto) da máquina sobre o corpo. Ou seja, a autora destaca a necessidade de existir uma troca e uma meta clara em que um não se sobreponha ao outro, que a máquina não exija do corpo uma resistência, um condicionamento físico que ultrapasse o limite corporal de cada um. A preocupação está em ser ou não um "servo" que busca indiscriminadamente um ideal para o corpo.

¹ Toda essa maquinaria tem uma particular função numa sociedade em que são exibidos corpos ideais (Johnson, 1990), pois está entre suas principais utilidades a de servir como um mecanismo auxiliador para a busca deste ideal corporal.

Sendo assim, faz-se importante uma análise e uma reflexão a respeito "da remodelagem do corpo de acordo com os mais íntimos desejos das pessoas ... por vaidade, paixão ou narcisismo se pode satisfazer o desejo" (Couto, 1994, p. 39), isto é, que esta aspiração - e às vezes transpiração - pelo "belo corpo" não transforme o indivíduo em escravo da vaidade e submeta o seu corpo a itinerários incansáveis de exercícios em aparelhos de ginástica, ou que o projete fazendo cirurgias plásticas, modelando-o, almejando torná-lo jovem, enrijecido, mais "feminino" ou mais "masculino".

Uma relação entre corpo e máquina ocasionada igualmente por fatores estéticos, pode igualmente ser ocasionada pelo - desejo do - aumento da potencialidade ou ainda por necessidades orgânicas, como são as bombas artificiais para coração e rins e as próteses. As primeiras têm as mesmas atribuições de um coração portátil, denominado de Novacor, de 700 gramas capaz de substituir o ventrículo esquerdo (câmara que bombeia o sangue), funcionando com uma bateria recarregável. Existem também os filtros portáteis que são rins artificiais, as próteses penianas e as próteses para as pernas, olhos acrílicos, entre tantas outras possibilidades presentes no mercado da bioengenharia (Beccari e Tanaka, 1991). São recursos desta área de conhecimento que chegam a sugerir uma (r)elaboração de um sujeito montado por prótese, silicone, polietileno, fibra de carbono, titânio, placa de aço, pele enxertada, biossensor, enfim diversos tipos de materiais que tornam cada vez mais real o aparecimento do "indivíduo biônico". Neste caso a ligação entre ser humano e máquina seria uma relação extrema, em que não se saberia de fato qual seria o auxiliador e o auxiliado, "comandante" e o "comandado".

Um outro retrato desta disputa entre corpo e tempo é o fenômeno denominado de *body-building* que é literalmente a construção do corpo com o

importante auxílio das máquinas de condicionamento físico. O objetivo do *body-building* é idealizar, projetar uma "tensão máxima da pele" (Courtine, 1994, p. 86). O *Body-building* tem o intuito de edificar um corpo, respeitando/considerando/acreditando/almejando as formas ideais corporais existentes, em que cada atividade esteja constantemente respeitando estas normas para o alcance "do sonho que vai se tornar real", atividades ligadas a exercícios físicos, alimentação e vestuário.

Confirmando este tipo de preocupação com o corpo, Jean-Jacques Courtine (1994) afirma que os anos 80 apresentam um desenvolvimento considerável do mercado que ajuda na manutenção do corpo, ou melhor, na construção do corpo físico. Há o surgimento de aparelhos de condicionamento físico que servem para tornar a dor provocada por esta atividade como uma forma de exercitar o corpo se distraindo. Um exemplo, que vemos em academias em geral, é ouvir música ou assistir um filme enquanto o sujeito fica durante algum tempo pedalando numa bicicleta ergométrica. Máquinas que são mais "amigáveis" simulam percursos e situações ao gosto/necessidade do sujeito. É possível programar a máquina como se estivesse subindo uma ladeira ou escadas de um edifício.

Tudo isto acabou se tornando um estilo de vida, afirma Courtine (1994), pois são pessoas que demonstram estar integradas às normas corporais em vigor e, portanto, são praticantes da transpiração eletrônica¹.

Body-building "promete" que podemos ser na realidade o que sonhamos ser: "Você pode desafiar ao mesmo tempo o inato e o adquirido fazer de você outro" (p.

¹ "Nas sociedades ocidentais, a cultura contemporânea do corpo é inteiramente dominada pelo ciclo de absorção e eliminação tanto orgânica, quanto econômica" (Courtine, 1994, p. 86).

89). No entanto, é preciso disciplina para "vencer", chegando a ser uma "obrigação moral". São necessários alimentação e roupa apropriadas, exercícios físicos diários, fazer aquilo que irá contribuir na realização do sonho em ter um corpo ideal. É a luta entre o tempo, que registra suas marcas em nossos corpos, e a tecnologia com suas máquinas e recursos que são capazes de contribuir e auxiliar para que este tempo deixe cada vez menos "seus registros" nos corpos. Esta "construção do corpo" visa basicamente a uma manutenção corporal através de equipamentos de uma era tecnológica atual contra as marcas temporais.

O *body-building* acaba evidenciando a relação sem discernimento entre o bom e ruim, entre a utilização do corpo e a da máquina (Courtine, 1994), em que a discriminação presente está em ter/ser um corpo ideal ou não. É a retratação de uma outra mentalidade, fruto também desta sociedade tecnológica que vivemos em que está realmente muito presente a preocupação com a estética do corpo. É uma demonstração evidente da máquina "interferindo" no funcionamento orgânico, em que a preocupação inicial com o corpo na sociedade tecnológica em geral está no "administrar", "aparentar" e "manter" o corpo (Schilling, 1993).

Corpos "esculturais" são um bom exemplo de um corpo projetado detalhadamente (metrificado). Deste modo, acaba sendo um desafio aceitar noções do que é o corpo "natural" masculino e feminino. Estes são corpos muitas vezes "criados", desenvolvidos e mantidos graças a esta grande quantidade de equipamentos que possuem o intuito de reforçar a imagem do corpo ideal, seja ela real ou apenas ilusória.

Há ainda uma outra relação entre corpo e máquina que vem se despontando. Refiro-me ao aparecimentos das redes de comunicação, como a internet. A discussão acerca deste assunto atualmente é muito intensa, pois se trata de uma

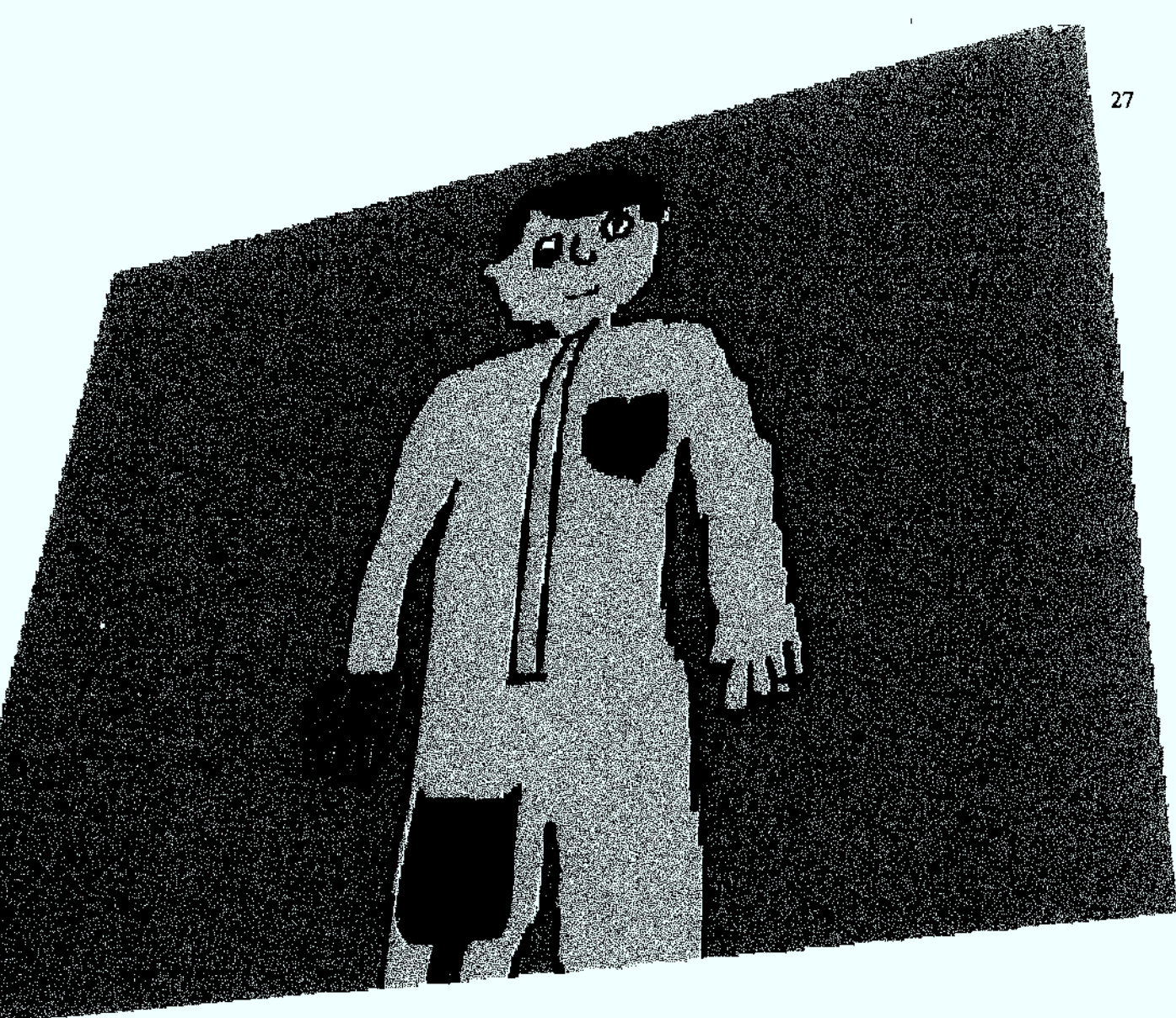
nova forma de interação entre máquinas e pessoas. Uma interação em que se abstrai o corpo físico de uma pessoa e na qual o próprio corpo é abstraído, já que as pessoas não se vêem fisicamente, concretamente. Acaba existindo, como coloca Beltrina Côrte (1996), uma alteração das "características da sociabilidade, já não necessita da relação corpo a corpo, mas continua existindo troca" (p. 23). Ciro Marcondes Filho (1996) complementa afirmando que é criado "um novo tipo de sociabilidade, não mais dependente do contato físico. A nova sociabilidade é eletrônica, circula nas redes" (p.23). Mesmo que mediada por uma máquina (computador), há nestes casos um relacionamento social, pois há troca de informações e idéias entre as pessoas que utilizam estas redes. Pode-se até mesmo destacar uma espontaneidade nas conversas destas pessoas, estando "garantidas" pelo anonimato (Marcondes Filho, 1996).

Desta forma, assistimos a uma outra ocupação do espaço concreto e simultaneamente o surgimento do *cyberspace*, ou seja, a existência do espaço virtual criado pelas redes eletrônicas. Os espaços públicos como espaços concretos estão hoje se atrofiando, tornando-se simplesmente lugares de passagem. Simultaneamente, existe uma verticalização crescente da arquitetura urbana nos dias de hoje. O metrô é uma ilustração evidente da sintonia com o espaço público como passagem, dada a velocidade e o fato de ser subterrâneo, liquidando com qualquer tipo de paisagem que se possa existir em seu percurso (Marcondes Filho, 1994). Os lugares de estarmos e permanecermos são atualmente as casas, apartamentos, edifícios, enfim, qualquer ambiente que nos mantenha em segurança. A geografia, para este autor, se reduz a determinados centros, como são os *Shoppings Centers*.

Em relação ao *cyberspace*, cito como um exemplo as conferências que atualmente podem ser transmitidas/oferecidas por meio das "teleconferências", não

há mais a necessidade de encontros físicos em espaços concretos. "A sociabilidade se transfere, se desenraíza do solo para virar uma sociabilidade eletrônica, de rede, que não se utiliza espaço" (Marcondes Filho, 1996, p.29). São espaço e o corpo virtuais, em que existem milhares de possibilidades de sentir, relacionar, experimentar e conhecer.

Estas formas, recentes ou não, de relações do corpo e da máquina trazem à tona muitas reflexões, questionamentos e percepções. Relacionar-se com pessoas é algo a que de uma certa forma estamos acostumados. Mas com máquinas, nos faz pensar se estamos nos tornando mais criativos, maleáveis, perceptivos, ou, nos assemelhando e nos tornando impotentes diante delas? Será que "cansamos" simplesmente ou não sabemos mais (se é que um dia o soubemos realmente) nos relacionar com pessoas em que espaços e corpos não sejam eliminados/abstraídos de forma concreta/física? Ou ainda, será que a realidade na sua consistência não está "dando conta" das necessidades/desejos que a humanidade começa a ter no fim do século XX e precisamos deste modo "navegar" num mundo virtual?



III. Corpo, educação e sociedade tecnológica

III. 1 - "*Não nos educamos mais como antigamente*": Educação na atualidade

Duas tem sido tradicionalmente em nossa sociedade as formas de transmitir conhecimento, informações e idéias que são conhecidas por uma grande parte de nós: a forma oral e a forma escrita (Lévy, 1993). Para este autor, há hoje o surgimento de uma nova linguagem, a digital. Segundo ele, a oralidade primária, a escrita e a informática são os três tempos do espírito que possuem, entre outros, dois aspectos principais: a memória e o tempo.

Na oralidade primária, a memória está essencialmente nos indivíduos que a identifica como sendo a inteligência, como a capacidade que o indivíduo tem de "reter" na lembrança informações. Isto faz com que o conhecimento dependa desta capacidade humana e o que pode conduzir, segundo Pierre Lévy (1993), a uma permanência relativamente curta. Em relação ao tempo, a oralidade é dominada pelo começo e recomeço em que nada que for "facilmente" retomado e repetido estará provavelmente fadado ao desaparecimento. O autor chama isto de tempo circular. Na escrita, por sua vez, não há tanta necessidade da memória no mesmo sentido que na oralidade, na verdade nesta forma de linguagem, está entre o conhecimento e a identidade, entre as associações que podem resultar de ligações pessoais e/ou sociais, isto é, o indivíduo "manterá" mais facilmente aquelas informações que tiverem relações com ele próprio, que forem de fato significativas para ele, podendo se tornar "um objeto suscetível de análise e exame" (p. 95), já que há a possibilidade de escrever e rescrever, ler e reler o que se escreveu. No entanto, a escrita está sujeita a uma rigidez que pode levar às vezes a uma incompreensão do leitor, isto porque não há uma transmissão direta de informação, inexistente um diálogo "face a face", em que discussões ou dúvidas possam ser esclarecidas ou respondidas no momento de sua concepção, já que há uma não presença do autor de forma concreta. Este tempo é o da leitura inter-individual, da

leitura em silêncio, por meio dos quais o conhecimento é acumulado. Trata-se de uma relação em que o escritor e leitor interagem-se, porque as idéias são concebidas e transmitidas pelo autor, e por outro lado são reformuladas, armazenadas, compreendidas, ignoradas, aceitas pelo leitor. Na era da informática, a memória e tempo misturam-se, isto porque o conhecimento armazenado praticamente não existe, é produzido constantemente. Mais do que uma lembrança, a memória e o tempo representam na realidade retratos fiéis das informações necessárias no momento, por isto há um intercruzamento entre eles. O tempo da informática é o tempo real, ou seja, "a condensação no presente, na operação em andamento" (p. 115), o conhecimento não é armazenado (exceção a casos especiais) como na escrita, mas sim transmitido no seu estado mais recente, no momento de sua produção. Para Lévy, trata-se de um tempo marcado pela velocidade: flexível, com ausência de prazo e não definitivo, podendo ser continuado e "evoluir incessantemente a partir do núcleo de conhecimento que este trouxe" (p.115). Na atualidade, é através da informação denominada "on line" que temos a chance de buscar aquilo que realmente nos interessa, graças aos pequenos módulos padronizados (ibid).

Informática, velocidade, produção de conhecimento, linguagem digital, são alguns aspectos que caracterizam este momento histórico, efetivado pelo surgimento de uma nova forma de comunicação, de uma "nova cultura": a do audiovisual (Babin e Kouloumdjian, 1989). Para compreendê-la, um caminho possível, de acordo com estes autores, é ouvir e estar atento aos jovens, no que pensam, falam, apreciam e sentem, isto porque trazem consigo as marcas de sua/uma geração. Os jovens demonstram com seus corpos formas representativas de que algo está se transformando, pois nascem num momento em que vem se efetivando uma alteração nos modos de nos comunicarmos e nos relacionarmos. Jovens crescendo e se envolvendo neste ambiente audiovisual acabam

estabelecendo uma relação com este novo com menor ou até mesmo sem nenhuma estranheza, em comparação as gerações anteriores. Refiro-me a uma "familiaridade" que acredito advir de uma educação que não se dá necessariamente na escola, uma educação em que crianças e jovens estão atentos e mergulham nesta nova realidade onde estão atuantes meios de educar normalmente mais interessantes, dinâmicos e interativos daqueles que existem (podem existir) nesta instituição.

Em uma era que a máquina começa a ocupar funções e atividades que até então eram executadas por pessoas, podemos denominar também este momento de tecnocêntrico (Marcondes Filho, 1994). A máquina e a racionalidade prevalecem, ao contrário da era antropocêntrica em que o ser humano e a matéria eram considerados figuras dominantes (ibid). Não há mais "o" poder centrado na figura humana. O controle não está nas mãos de uma única pessoa, ele está na verdade difuso e pulverizado por todo corpo social (ibid). Podemos ter o controle e criarmos situações que nos fazem ter as emoções que desejamos. No tecnocentrismo, surge um novo espaço para vivências interpessoais, abstrato e capaz de estimular pessoas. Através desta virtualização, podemos simular e assim exercitar, de acordo com Marcondes Filho (1994), todas as emoções de forma autêntica por meio de aparelhos e equipamentos. Emerge a possibilidade de criarmos "mundos" em que reinam sensações que gostamos de ver e ter.

É do mesmo modo na interação com esta realidade que a nova geração se educa. Como geração passada, faço parte daquela que assistiu o fim da Guerra Fria, a queda do muro de Berlim e a chacina na Candelária na cidade do Rio de Janeiro, e hoje testemunha o surgimento da informática, possuindo a significação do elo, da ponte entre o que foi, o que é e o que será. Somos o símbolo mais significativo de que estamos num momento de transformação, num momento da

passagem. Marcondes Filho (1994) afirma que vivemos em um novo tipo de mundo, mas que ainda não se estruturou completamente, se instalando como um universo totalmente diferente daquele que conhecíamos.

Como será educar na era da informática, com as diferente formas de conhecer? Com a mudança nas modos de conhecer, mudam também os instrumentos e procedimentos para/na educação? Quais seriam estes "outros" instrumentos e procedimentos?

Um mecanismo atual para o conhecimento é indiscutivelmente o computador. Para utilizá-lo é preciso que saibamos ler, escrever e digitar. Qual é espaço em que consagradamente aprendemos a ler e a escrever? Será que a escola continuará sendo o lugar onde aprenderemos a ler, a escrever e como utilizar estas formas de conhecimento? Ela será também a responsável para que saibamos a digitar e a forma como utilizaremos esta nova linguagem?

Vani Kenski (1996) sugere que educadores(as) reflitam acerca deste momento de mudança. Como profissionais da educação atuando principalmente numa instituição educacional, ainda considerada pela nossa sociedade como o local em que aprendemos a ler e escrever, assim como local de acesso ao conhecimento, a escola e professores(as) possuem uma especial importância com o surgimento da linguagem digital, estando reservado a este espaço o papel de analisar quais seriam as formas mais apropriadas para lidar com a era da informática. Ou ainda, será que não será mais esta a instituição consagradamente responsável em nos ensinar a aprender a ler, escrever e agora também a digitar, assim como, ter acesso ao conhecimento?

Um caminho possível proposto por Kenski (1996) seria inicialmente uma reciclagem das maneiras de ensinar e de aprender, realizando o que ela chama de balanço crítico, considerando as opiniões e posicionamentos de todos os envolvidos, professores(as) e alunos(as). Na verdade, trata-se de uma reflexão que a escola já deveria ter feito ou estar fazendo. Isto porque a escola tem-se mostrado uma instituição ora isolada, ignorando a realidade vivida por seus alunos e alunas, ora a serviço de entidades que necessitem de mão-de-obra profissional e qualificada. A escola e o(a) professor(a) se comprometem realmente com quê, ou com quem? Seu - escola e educadores(as) - compromisso é com seus alunos(as)? Trata-se de um compromisso que considera a vozes, os indícios, sinais e gestos que estes alunos(as) oferecem¹. Se acreditarmos, como professores(as), que temos um compromisso com indivíduos e não somente com instituições, seria um início para atuarmos de forma em que se partiria do recorte, em que o sujeito seria o "micro" para o "macro", a sociedade. Crermos como professores(as) que contribuímos para uma participação mais efetiva e representativa na sociedade através de nós mesmos(as) e de nossos alunos(as), e ainda, "permitir" que esta mudança social, em que a tecnologia tem grande participação, possa de fato contribuir na sala de aula. Não há na verdade meios de isolar o micro e o macro, o indivíduo e a sociedade, porque um constitui e é constituído pelo outro².

São reais e muito concretos os empecilhos que surgem e até mesmo impostos para/por nós, o que poderiam impossibilitar a uma atuação mais comprometida com alunos e alunas, mas inspiração, criatividade e interesse são elementos muito relevantes para uma profissão que atua diretamente na formação de sujeitos:

¹ Reflexão e discussão realizada pela profª. Roseli A. Cação Fontana, numa reunião de monitoria em sua sala, na Faculdade de Educação - Unicamp, no mês de abril do ano de 1997.

² Agradecimento à Profª. Roseli A. Cação Fontana pelas contribuições/reflexões sugeridas a este trabalho.

Inspiração, pegamos no ar?

Ou somos inspirados, alguém nos sopra?

Ou são soprados por seres inspiradores, aéreos, alados, anjos, musas, demônios?...

Supondo que existam seres encarregados de soprar idéias, imagens, melodias, certamente não o fariam a pessoas desinteressadas.

Mas quem são pessoas interessadas?

As pessoas que têm interesse, estão no campo trabalhando.

Os pássaros da inspiração só pousam nas mãos de quem os alimenta.

(Camargo, L., 1989, p.15, Inspiração)

Na atualidade, os estudantes vivem um momento em que são exigidos deles uma flexibilidade muito grande, que sejam capazes de assimilar novas informações e substituir outras. Isto porque a era da informática cobra uma postura em que não se contenta com um número reduzido de informações (mesmo que se tenha a consciência da impossibilidade de obter todas as informações disponíveis em qualquer área do conhecimento), há uma busca diária por novas informações (Kenski, 1996).

Tanto o corpo como a tecnologia são elementos que vêm sendo periodicamente desconsiderados na escola. Assim como no exemplo narrado por Almeida (1994) já citado na introdução deste trabalho, Silva (1994), por sua vez, retrata a escola como uma instituição que dá primazia, entre outras coisas, ao que ela denominou de corpo sentado e imobilizado, um corpo que a escola deseja produzir para ficar estático e "ouvir" ao que os professores têm a dizer. Professores, segundo Almeida (1994), também não se mostram preocupados em estar atentos ao que estes corpos sentados têm a dizer. Acoplado a isto, a escola em geral ignora a realidade tecnológica que está presente em nossa sociedade, continua transmitindo conhecimento de maneira agente/paciente, professor(a)/aluno(a), estática, parcial e desinteressante.

Partindo disso, que Pierre Babin e Marie-France Kouloumdjian (1989) sugerem a formação de uma "escola-mesa", "escola-distância" e a "escola-memória". A primeira, seria um lugar em que seria feita a ligação entre informações que o sujeito constrói e armazena de suas vivências, isto se faria de maneira em que estas informações estariam à disposição daqueles que as desejam como se fosse uma mesa cheia de livros, textos, jornais, vídeos, revistas, enfim toda forma de registro do conhecimento e que seria discutido, trocado, sugerido, criticado e produzido com/entre as pessoas. Daí surge a possibilidade de completar, criticar, confrontar com o que já foi aprendido pelo indivíduo; grosseiramente poderia ser uma espécie de *self-service* com uma modificação, pois serviria e reteria o que fosse representativo e significativo para o indivíduo, e seria em seguida "compartilhado" com as outras pessoas. O intuito primordial é o da comunicação e não do informação em si, o do relacionamento e da convivência entre as pessoas e não a obtenção apenas do conhecimento.

A "escola-distância" funcionaria como meio para que se alcançasse uma certa verdade do conhecimento. Para estes autores, a distância é para que não ocorra muito envolvimento num dado contexto, porque isto pode conduzir a um obscurecimento da realidade. Tendo afastamento crítico das fontes de informações, surgiria a possibilidade de que se oferecessem subsídios para que o indivíduo fosse capaz de distinguir entre a consciência de si mesmo e o das coisas, além de diferenciar também a consciência de si mesmo e a presença emocional nas coisas. Os autores sugerem uma distância em que possibilite ao sujeito uma diferenciação evidente entre o que ele de fato crê e o que autores crêem. Obras consagradas e irrefutáveis por exemplo, em algumas áreas, continuem "intocáveis" para nós mesmos porque assim a consideramos de fato, diante a uma reflexão e a um debate anterior consigo a respeito destas obras.

A "escola-memória", por sua vez, serviria como meio de acesso a revistas, jornais, livros, documentários audiovisuais, enfim, todos os meios de produção, manifestação e armazenamento de conhecimento, com o objetivo de que o sujeito se situe e estimule o seu raciocínio. Com um embasamento no passado, é possível e viável uma construção do presente e do futuro.

Em suma, Babin e Kouloumdjian propõem uma escola que continue tendo o conhecimento como seu mediador, mas que possa ir além disto. Sugerindo um espaço onde o conhecimento é também um estimulador, onde o desejo de conhecer faça com que as pessoas busquem produzir, completar, questionar, trocar informações, se relacionar, levantar hipóteses, sugerir idéias. Enfim, que sejam capazes de pensar e agir por si próprias, e que não se sintam "obrigadas" por pessoas e/ou entidades. Quando um indivíduo é capaz de pensar e agir por si próprio, ele pode ter simultaneamente o domínio sobre seu próprio corpo, assumindo aquilo que ele deseja para si.

III. 2 - "*Corpo também é cultura*": Corpo e conhecimento

Estamos diante de um "outro" corpo, que se apresenta de uma nova forma, isto é, um corpo que traz consigo as mudanças que vêm ocorrendo em nossa sociedade. Isto é evidente se observamos a maneira como este corpo na atualidade se expressa, sente, comporta, percebe, relaciona, veste, enfim, vivencia novas/outras experiências e sensações. Como membro ativo nesta transformação, o corpo atua, assimila e (re)produz esta realidade que vem despertando. Com o corpo que podemos: ver, ouvir, agir, reagir e sentir neste momento de transformação.

Damos uma atenção particular inicialmente àquilo que nos chama atenção visualmente, seja por suas cores, formas, tamanhos, brilhos, que uma imagem

possa ter, mas certamente ver desempenha uma estimulante capacidade corporal humana justificando a busca em desejar conhecer os recursos audiovisuais no momento atual. Sabendo disto, estes recursos vêm se tornando cada vez mais atrativos, coloridos e diversos. Para Marcondes Filho (1994), a civilização da técnica assim como a civilização do visual, da imagem, há pouco tempo para ler e escrever, ver uma imagem é mais rápido. Através de uma imagem podemos captar muitas informações, e o fascinante desta forma de conhecer é que ela oferece a possibilidade de não ser algo finito e único, cada um de nós podemos ter/dar a nossa interpretação de um quadro de um pintor, e assim com qualquer tipo de imagem.

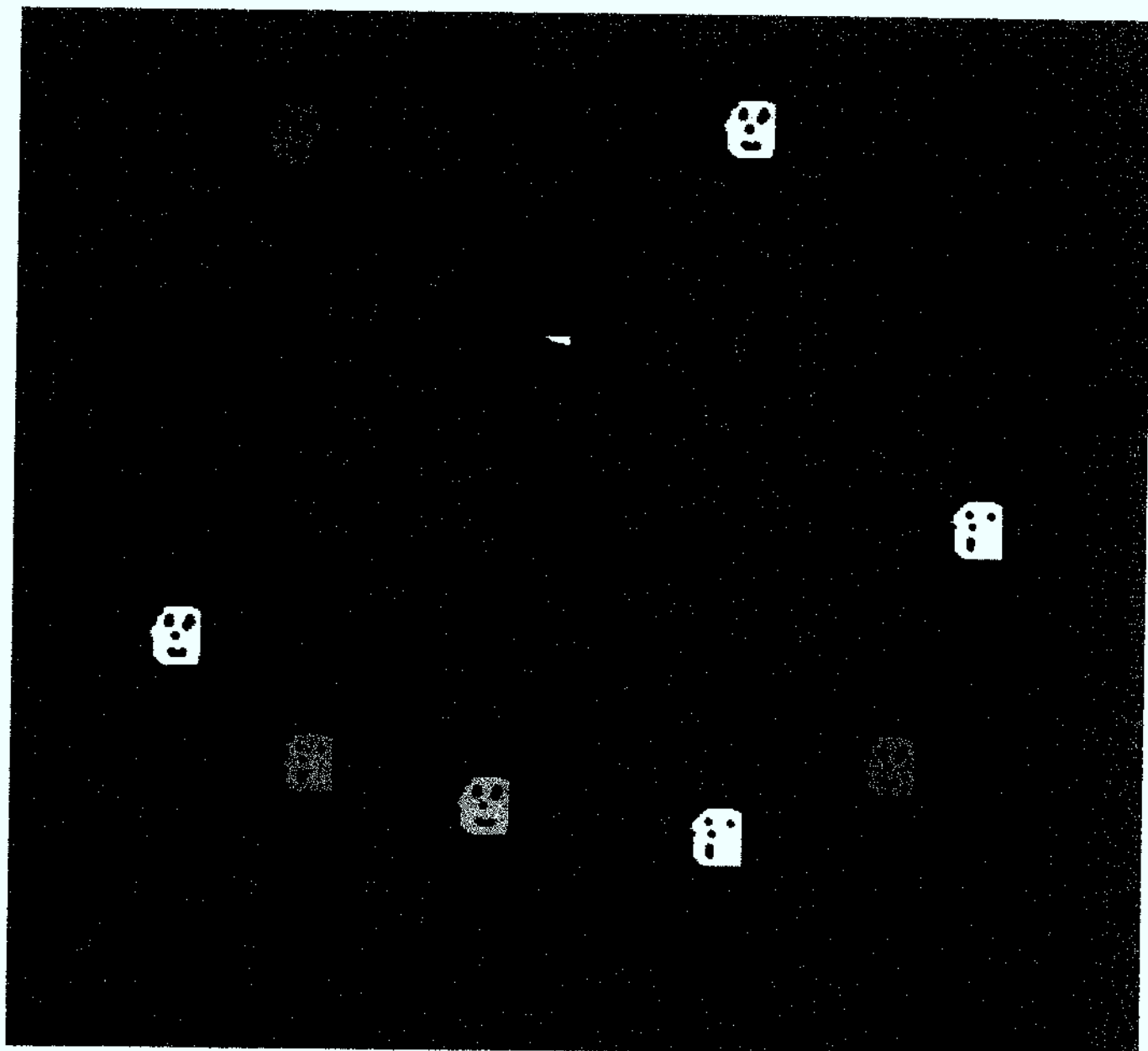
Aliada a esta visualização, há também a sonorização, ou seja, sons agradáveis, representativos e "vivos", despertam também muito interesse. O som não supervisiona, ele faz parte, está integrado, porque penetra no próprio sentido/sentimento do ser humano (Babin e Kouloumdjian, 1990). A sonorização representa uma das formas de nosso corpo sentir, é através do ouvir que o corpo pode ser levado a se movimentar, estimulado a dançar por exemplo. Certos tipos de sons nos levam a determinados tipos de movimentos, ele pode interferir na forma como nos comportamos, sons rápidos, provavelmente os movimentos corporais serão igualmente rápidos, e assim por diante. Há especialistas que aconselham por exemplo, a ouvirmos músicas "suaves e calmas" quando estamos dirigindo um automóvel, para evitar incidentes, principalmente nas grandes metrópoles. Entretanto, aqui também se evidencia uma forma de controle corporal a partir do tipo de som que ouvimos. A dança tem como uma de suas funções, dentro da escola, trabalhar as diferentes possibilidades na relação música/movimento, que não são necessariamente de "ajuste" (Marques, 1996), isto é, o som não determinará e controlará necessariamente o movimento do corpo.

Percepções provocadas pelo ver e ouvir provocam reações e sensações por todo corpo, são globais, afetando o corpo físico e/ou afetivo. A linguagem visual, segundo Babin e Kouloundjian (1990), não existe sem afetividade, possuindo uma relação direta com o pensamento, em especial com a imaginação, sendo através destas percepções que há possibilidade de estimular também a criação. Imagens e sons são capazes de nos motivar a criar, a termos novas e diversas maneiras de viver a realidade, de experimentá-la ampliando nossa capacidade de percepção. Citarei como exemplo de percepção através da imagem o quadro "Retirantes" de Cândido Portinari, em que é sensivelmente retratado a pobreza e a fome de uma família. Quando vemos esta imagem temos, entre outras coisas, uma ilustração da miséria. Tendo a oportunidade de ver e ouvir, podemos ter ainda a chance de cada vez mais explorar e ampliar nossa capacidade de percepção. Dois aspectos grandemente explorados e exercitados também pelos recursos audiovisuais.

Para um relacionamento de troca e benefícios entre corpo e tecnologia, há a exigência de que ambos estejam efetivamente se interligando. Isto é mais do que estar meramente contemplando as possibilidades tecnológicas, significa concordar em "estar dentro", em participar, em fazer parte desta tecnologia que pode (ou não) se desenvolver de acordo com as necessidades humanas, como também, observando e estabelecendo relações pessoais. O corpo, como agente neste processo tecnológico, cumpre o papel de fazer com que esta tecnologia avance segundo suas próprias necessidades. Do mesmo modo, lhe cabe auxiliar o corpo, como também estimular, capacitar, integrar, fazendo com que este corpo conheça, crie e produza cada vez mais de acordo com suas necessidades.

Este "novo" corpo está de alguma forma em grande parte de nós, de diferentes classes sociais e culturas, que mesmo não tendo acesso direto a um computador sofre influência de diversos recursos audiovisuais, aparelhos

eletrônicos em bancos, do crescimento de serviços prestados por telefone, *self-service* em restaurantes e postos de abastecimento, enfim, de uma sociedade que tem a velocidade e o isolamento social, ou pelo menos, uma nova maneira de socializar-se, que vem cada vez mais se despontando, projetando e alterando a forma de todos nós vivermos.



IV. O que eu quero ser quando crescer?
(Autoridades corporais)

Há em nossa sociedade autoridades sobre o corpo "legitimadas" e "não-legitimadas". As primeiras estão representadas pelos(as) educadores(as), médicos(as), esteticistas, enfim, pessoas que lidam diretamente com corpos e possuem um "poder" institucionalizado. Isto porque estas autoridades assumem uma espécie de atributo social - devido a sua profissão - em que são julgados e até mesmo denominados de "conhecedores" de corpos. Muitas vezes são eles os responsáveis pelos nossos corpos: como nos comportarmos, nos cuidarmos e apresentarmos, por exemplo.

As autoridades "não-legítimas" são aquelas que tem relação com o corpo também, no entanto não representam um "poder" socialmente atribuído, não são reconhecidas como uma "autoridade corporal", aqui refiro-me especificamente aos *media*¹. Os meios de comunicação têm hoje um estilo próprio difundido diariamente para toda uma sociedade. Estes mecanismos criam modos de falar, vestir e de se comportar levando muitas pessoas a tomarem para si estes "modos". No entanto, muitas destas pessoas não assumem que assimilam, imitam, apresentam-se, propagam, podendo até mesmo conhecer e reconhecer que determinados "tipos" são caracteristicamente pertencentes e difundidos pelos meios de comunicação. Não são considerados como uma força dotada da capacidade de estabelecer padrões corporais na sociedade, daí se tratar de uma autoridade "não-legitimada". No entanto, autoridades legítimas ou não, os *media* acabam assumindo o papel de serem conhecedores do "melhor" para nossos corpos, através de comerciais, novelas, filmes e programas em geral.

Em nossa sociedade, ao corpo cabe "escutar", não necessariamente o que ele mesmo tem a dizer, mas sim o que é dito por tais "autoridades".

¹ Meios de comunicação.

IV. 1 - Meu corpo x seu corpo

Uma das autoridades adultas legitimadas são os médicos que detêm uma autoridade por ter supostamente conhecimento sobre o funcionamento de todos os organismos humanos. Conduzidos a buscar este saber, motivados normalmente pelo que é socialmente apreciado, pacientes correm o risco de se tornarem impotentes diante de seus próprios corpos, ignorando o que percebem e considerando apenas o que estes especialistas têm a dizer/prescrever. Devo ainda considerar que alguns destes profissionais têm uma visão fragmentada do indivíduo, se especializando e estudando uma parte do corpo mais do que outras, como são os oftalmologistas, ginecologistas, cardiologistas, dermatologistas, entre outros médicos. Repartir o ser humano em pedaços é desconsiderar que o corpo tem um poder distribuído em si, ou seja, cada parte está interligada as outras partes, funcionando como um conjunto e que por conseguinte influenciam e sofrem influências umas das outras (Johnson, 1990).

Como uma "autoridade", fruto de seus estudos, pesquisas e dedicação, é inquestionável o conhecimento que um médico possui e a sua importância para toda uma sociedade. É ele que detecta por exemplo, um tumor maligno ou benigno, e diz quais procedimentos que devemos tomar em relação a remédios, alimentação, atividades, etc. O que é questionável é a relação que este médico tem com um corpo de um paciente, ou seja, que este profissional, tendo conhecimento do organismo humano, possa generalizar este corpo como tendo todos o mesmo funcionamento, e que possa ter ainda somente a preocupação: "num caso e noutro os médicos estão preocupados em manter com vida organismos e não indivíduos" (Le Bretton, 1994, p. 61). Generalizações realizadas por especialistas e autoridades sociais são diagnósticos para seres humanos desconsiderando muitas vezes a

possibilidades de serem diferentes e compostos por particularidades. Este mesmo professor francês acrescenta que:

A separação que distingue o indivíduo de um outro é rigorosa; o corpo de um homem não poderia se misturar estruturalmente ao de um outro. O corpo é vetor da individualização, ele estabelece a fronteira da identidade pessoal... (p. 64)

Não tenho a intenção de julgar o que seria ou não correto a fazer em relação ao nosso corpo, e sim a de constatar a realidade de que acabamos delegando este poder sobre/a respeito de nosso corpo para outra pessoa, que provisoriamente pode ser denominado de autoridade (Johnson, 1990), é a confirmação de que o meu corpo é desconhecido para mim mesma, ou que pelo menos, o conhecimento que eu posso ter de meu corpo é menosprezado e talvez esquecido; a autoridade está naquele que a conquistou socialmente e não em nós mesmos, ou seja, que sentimos, percebemos e observamos o nosso próprio corpo. A autopercepção acaba não tendo valor algum: "Não creio no que os meus olhos vêem e sim no que os olhos dos outros vêem" (Johnson, 1990, p. 39). A minha opinião não prevalece, não resiste diante dos diagnósticos de uma "autoridade".

Babin e Kouloumdjian (1989) afirmam que há vozes externas implacavelmente altas presentes em nossa sociedade que permitem pouco ou nada para que possamos ouvir o temos dentro da "cabeça" (corpo). Jovens, por exemplo, não conseguem falar e encontrar ouvidos que possam de fato escutá-los, tendo que assumir a missão de corresponder às expectativas externas seguindo, assim, caminhos que lhe foram traçados/destinados. Na opinião destes autores, acabamos perdendo ou simplesmente não tendo/podendo ter a capacidade de refletir criticamente em relação ao que "sugerem" para/nos seus próprios corpos. Impera um controle de alguns sobre os outros, em que incorporamos o que outros corpos querem. É provável que isto seja ainda mais drástico se este controle já tiver sido

transformado de coação social para uma coação individual, isto é, que as exigências sociais estejam sendo apropriadas pelo próprio indivíduo como positivas (Courtine, 1994).

Assim sendo, o desejo de querer agradar/corresponder/considerá-las de fato como autoridades "exteriores", seja consciente ou inconsciente, pode ser uma má utilização do corpo, afirma Johnson (1990), e é preciso, para este autor, que se recupere a capacidade de experienciar o corpo por si próprio. Tentar conhecer o próprio corpo significa: senti-lo, percebê-lo e observá-lo. Mesmo que isto seja de alguma forma mediado por estas autoridades exteriores, há a possibilidade de que não se permita "sufocar" a forma que sentimos, percebemos e observamos.

Vozes que falam alto demais normalmente são vozes adultas com o desejo de que crianças e jovens as ouçam e as escutem bem para que as expectativas sociais se concretizem em futuros adultos adaptados, para que assim estejam capacitados a corresponder às cobranças que lhe serão exigidas pela sociedade, sociedade esta que vê "suas crianças" como os governantes do amanhã, como participantes sociais apenas no dia que "crescerem". Vivemos numa sociedade em que "gente grande" é o centro: em que considera-se cidadão, como membro da sociedade, somente aquele(a) que já for adulto(a). Na escola, por exemplo, não é incomum a presença, de objetivos educacionais que ressaltem a intenção de "formar seus alunos para serem futuros cidadãos", a criança não é considerada pelo que ela é hoje, agora, neste exato momento (um cidadão?). Um corpo literalmente menor. Isto faz parte para Chris Shilling (1993) do desejo social insaciável de controlar, pois vê o corpo como um "tornar-se a...". O incrível de tudo isto talvez esteja no "poder" de tornar este indivíduo no que a sociedade quiser, desde um

louco (inadaptado e uma ameaça à sociedade) até um "governante ideal"¹ para um país.

Numa sociedade "adultocêntrica", seria lógico pensar que crianças e jovens não possuem espaço para se pronunciarem, já que coloca o adulto numa posição em que é o responsável pelo(a) filho(a), pelo(a) aluno(a), pela criança. Sendo assim, cabe a este adulto "zelar por sua cria", cuidando e educando segundo valores sociais que um dia também eles mesmos tiveram que incorporar. O poder de falar sobre o corpo, no caso o pai/mãe, professor(a) e o(a) adulto(a) é dado àqueles que o conquistaram socialmente por deterem algum tipo de saber específico e/ou consagrado. Cada autoridade é consagrada pelo conhecimento que possui numa determinada área, porém todos são especialistas, legitimados ou não, em educar.

Uma outra autoridade adulta óbvia é a do(a) educador(a). Encarregado de educar corpos de crianças e/ou jovens, lhe é dado este poder de forma legitimada, pois pais e adultos confiam seus filhos e filhas a este(a) profissional, que tem "autorização" ainda mais solidificada em educar corpos pelo fato de atuar num espaço institucional, a escola. Educadores(as) estão preocupados essencialmente em ensinar, transmitir informações e conhecimento, e da mesma forma apresentar os modos de como a sua clientela deve se comportar, seguindo regras sociais de postura. Deixando de acreditar, normalmente, que como educadores estão lidando com indivíduos que têm, assim como eles, desejos, necessidades, percepções, capacidades, e que não estão na escola para apenas fazer o que querem que

¹ Marcondes Filho (1994) coloca a idéia de que atualmente existe a possibilidade de ser "criado" aquele sujeito que irá governar considerando as qualidades exigidas pela população de uma comunidade, isto é, possível graças a um levantamento (como pesquisas eleitorais) em que seria descoberto qual o "tipo" de governante que uma dada comunidade almeja/sonha como "líder".

façam, são corpos que de alguma forma demonstram que buscam um novo horizonte para esta instituição.

Observo muitas vezes que este horizonte é demonstrado com clareza quando me deparo com crianças e alunos(as) desanimados e detestando ter que ir para escola, em que sua ordem é de que devem respeitar horários escolares. Há ainda casos em que crianças com dificuldade de atenção, leitura, visão, fala e/ou de compreensão são prontamente encaminhadas a um outro especialista. A escola simboliza o reino de corpos submetidos a ela, seja no que diz respeito a maneira como comportar-se, seja na forma de diagnosticar o que meu corpo tem/quer.

IV. 2 - Corpo escolarizado

O espaço da escola, em particular, não omite o desejo de formar pessoas para que estejam adaptadas à vida social. Para que este objetivo seja alcançado, é preciso disciplina. Michel Foucault (1991) conceitua disciplina como uma forma de dominação em que é imposta uma relação de docilidade - utilidade, tornando portanto o corpo mais obediente - assim como mais submisso e exercitado, passível de uma manipulação calculada.

São muito significativas as colocações de Foucault para um(a) educador(a) que esteja preocupado(a), conscientemente ou não em "disciplinar". Para que se confirme isto, basta observar a posição das carteiras nas salas de aula, sinais para entrada e saída, as cobranças destes profissionais para que os alunos fiquem quietos, não levantem, não falem, façam fila (um atrás do outro), entre outras exigências corporais. O corpo tem que respeitar grande parte do tempo na escola a uma vontade que não necessariamente a sua própria, a um "tempo e espaço escolares". Está atuante nesta instituição um "tempo que não permite a diversidade

e a vivência" (Marques, 1996, p. 123) que existe em cada um de nós. A autora qualifica o tempo escolar como homogeneizador, muito diferente do tempo vivido pelos(as) alunos(as), o que os leva a um distanciamento cada vez maior dos processos ensino-aprendizagem institucionalizados. Um exemplo simples da presença deste tempo escolar homogeneizado apontado por Isabel Marques (1996) é a hora do recreio que é o momento específico (único) que o(a) aluno(a) tem para comer, fazer suas necessidades biológicas, brincar, correr e conversar, porque na sala de aula o momento é normalmente (somente) para ser educando (aprender), mesmo se suas vontades/necessidades forem diferentes neste dois momentos.

Foucault (1991) trata diretamente da escola quando se refere ao espaço, em que "determinando lugares individuais, tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos" (p. 134), funcionando como uma "máquina de ensinar, vigiar, de hierarquizar, de recompensar" (ibid). As carteiras individuais em algumas salas de aula demonstram que o controle, no sentido apontado por este filósofo francês, também existe na escola. Nos espaços individuais que são facilitadas a função de conhecer o que cada sujeito está fazendo, se o(a) educando(a) está fazendo "o que" e "como" o(a) educador(a) está solicitando, além disso, a individualização procura evitar a conversa e a "distração".

A disciplina presente nesta ambiente educacional evidencia uma outra característica de corpos na escola apontada por Marques (1996): a de que a escola se apresente como um ambiente homogeneizador, ou seja, faz com que em termos gerais as pessoas possuam o mesmo tipo de formação, prescrevendo-lhes tipos de comportamento idealmente aceitáveis. A escola é analisada com conceitos de tempo, espaço estipulados/criados na Modernidade que se traduzem em uma:

... "necessidade pedagógica" de determinação *a priori* de objetivos, conteúdos, estratégias e avaliação acaba por criar técnicas e estratégias de ensino que são aplicáveis a "qualquer" indivíduo de "qualquer" escola de "qualquer" cidade ou país (Marques, 1996, p. 66).

Homogeneizar um ambiente é ignorar e desrespeitar as diferenças humanas e culturais, portanto corporais. Que tipo de "poder" é dado aos educadores que lhe permite ultrapassar a barreira da individualidade humana? É provável que seja o mesmo "poder" que é dado aos outros educadores de corpos, ou seja, como estão entre as autoridades externas esta força lhe foram destinados socialmente.

A escola, por concentrar um grande número de pessoas em seu espaço com o intuito institucional de educar, dispõe de uma autoridade social "entendida" de corpo. Por outro lado, como já coloquei anteriormente, este espaço parece ignorar estes mesmos corpos que ela pretende educar. Ignorá-los como corpos criadores e receptores de conhecimento, como fontes de percepções, e capazes de negarem valores que a própria escola transmite.

IV. 3 - *"Imagem não é nada, sede é tudo, obedeça sua sede, beba Sprite!"¹:*

Corpo e a TV

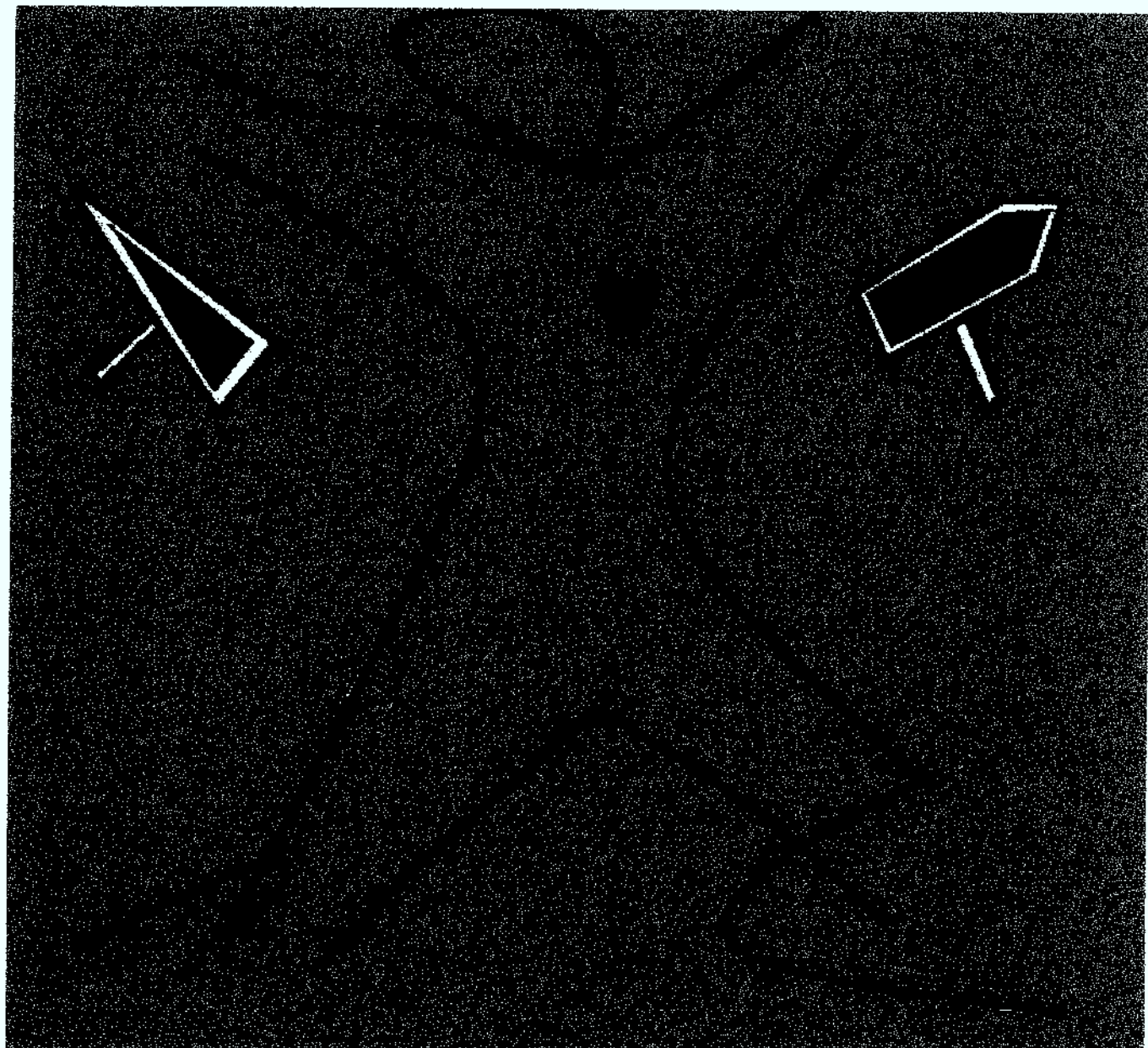
Há uma relação direta entre corpo e meios de comunicação, pois este espaço social também exerce o papel de uma autoridade corporal "não-legitimada". Entretanto, é possível que se trate de uma relação singular por sua abrangência, pois os meios de comunicação têm uma função primordial na vida das pessoas na atualidade, atingindo uma multiplicidade de pessoas, sem discriminação de gênero, religião, ideologia, classe social, etnia, idade e profissão.

¹ *Slogan* de comercial de refrigerante apresentado na televisão (abril/97).

Os meios de comunicação ocupam, para Marcondes Filho (1994), um papel central na vida das pessoas atualmente, pois é através destes veículos da comunicação que as pessoas ficam sabendo o que está acontecendo na sociedade, "as coisas não valem pelo o que elas são, elas só valem se forem comunicadas, divulgadas pelo sistema de comunicação, se mediadas por esse processo" (p. 64).

Chega a ser inquestionável a força que os *media* têm na sociedade atual. Estando dotados deste "poder" - responsáveis por dar garantia aos acontecimentos - são capazes de criar e divulgar modelos corporais através de comerciais, cartazes, fotos, novelas, desenhos, filmes e programas em geral. Mesmo que, não sendo necessariamente de modo intencional, esta propagação de modelos corporais explicitam normalmente a aparência corporal "apreciada" e "desapreciada", "positiva" e "negativa", saudável e patológico.

A televisão, como um importante mecanismo de comunicação, tem entre seus telespectadores: crianças e jovens, exercendo neles também esta influência em que são difundidos corpos ideais. As crianças, em especial, talvez demonstrem esta influência televisiva mais claramente porque assumem que querem usar/comprar a roupa igual de um super-herói, brincam imaginando serem personagens da TV e dançam/cantam músicas como seus "ídolos". São corpos muitas vezes imaginários, como são os dos desenhos da televisão - que tem como público alvo as crianças - que mostram personagens capazes de pular de um penhasco de muitos metros e não se machucar, são dotados de um poder virtual e que gera fascínio e por isso também representa um meio capaz de educar corpos infantis.



V. Considerações finais

Persisto em acreditar que a escola, educadores(as) e professores(as) começarão a reavaliar seus conceitos, atitudes e metas, o que espero que ocorra brevemente, já que estamos inseridos num ambiente em que vem se efetuando muitas alterações provocados especialmente pela cultura digital. Entretanto, a mudança pode ocorrer de forma mais individualizada - não menos significativa - com possibilidades de efeitos coletivos. É através de nós mesmos que poderemos estar questionando e transformando a própria escola e o sistema educacional¹. A resposta está portanto em nós, como professor(as), assim como está também nos(as) próprios(as) alunos(as), porque todos estes corpos demonstram a realidade que vivenciam e vivenciaram, além do modo como estão sendo educados.

Podemos ignorar opiniões, críticas e idéias. Por outro lado, fica mais difícil ignorar, de modo concreto, corpos. Talvez por/para a ignorância reprimimos, escondemos, mascaramos, enfim educamos e permitimos sem opções, que nossos corpos sejam educados. Aquele sujeito que deseja transformar e não permitir com que esta "tal ignorância" continue e prevaleça, sugiro inicialmente a olhar e enxergar o seu próprio corpo como um corpo que é capaz de optar e assumir posturas.

Muitas destas minhas reflexões estiveram em torno das leituras a respeito do tema, mas em nenhum momento pude desconsiderar a educação que recebi e venho recebendo até agora, os relacionamentos pessoais e sociais, o que observo e reflito nas pessoas e nos meios de comunicação e principalmente na forma corporal com que as crianças se mostram, seu modo de falar, vestir, comportar, pensar, desejar. Maneira esta marcada muitas vezes pela preocupação de como os adultos almejam

¹ Discussão e reflexão levantada pela Prof^a. Dr^a. Isabel Marques em abril deste ano, em sua sala na Faculdade de Educação - Unicamp.

que elas sejam, e da mesma forma, seus corpos já explicitam uma educação que está apenas iniciando... (infelizmente?)

Contudo, o momento de transformação significa que valores antigos serão "ocupados" por novos valores. Mudanças sociais muita vezes são gerais e pouco se sabe exatamente qual(ais) efeito(s) que realmente ocasionarão nos indivíduos, porque modificações atingem a todos nós. Somos árvores numa floresta em que sopram ventos, como nos disseram Babin e Kouloumdjian (1989). Ventos que sopram para qual direção? Ventos é árvores estão numa mesma direção?

Temos dificuldade, por um lado, em saber o que de fato queremos diante de diversas possibilidades. Por outro lado, é comum sabermos o que querem de nós, dando-nos apenas algumas possibilidades. No entanto, o corpo nesta época atual não é o mesmo, ele está mergulhado no meio de ideais corporais, tem que enfrentar/considerar opiniões de especialistas que dizem saber o que é "melhor" para o meu corpo, e ainda, existe a "incrível" possibilidade deste corpo ser abstraído e se virtualizar.

Corpo este que tive, neste presente trabalho, a intenção de discutir um pouco, um corpo que perdido no meio de seus desejos e vontades de outras pessoas que se torna incerto, indeciso e perdido em simplesmente dizer o que quer.¹

Contudo, os corpos que querem ou não sabem "o que" e "se" querem compõem a nossa sociedade, e é com eles que irei lidar como futura pedagoga e

¹ Uma discussão realizada pelo grupo pesquisa DanCE (Grupo de pesquisa em dança, corpo e educação) em um dos seus encontros em abril/maio deste ano na Faculdade de Educação foi a de que como professoras nos deparamos atualmente com corpos que parecem não desejar mais nada, que não se assustam muitas vezes com a violência e ainda são capazes de serem eles algumas vezes os próprios responsáveis pela violência crescente. Tema este também apresentando no I Congresso Brasileiro de Educação em Direitos Humanos e Cidadania, realizado pela Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos e Cidadania, nos dias 5, 6 e 7 de abril de 1997 na Faculdade de Direito da USP.

professora. Sonho - mesmo diante e (re)conhecendo toda a realidade apresentada, discutida e refletida neste trabalho - em poder preencher (mesmo que um pouco) este "vazio" e/ou dar voz e fazer ecoar as vozes corporais de meus futuros alunos e alunas.

VI. Referências Bibliográficas:

- Almeida, M. J. (1994, maio/agosto). O corpo, a aula, a disciplina, a ciência, ...In Educação & Sociedade, 21. 146 - 149. São Paulo: Cortez.
- Babin, P. e Kouloumdjian, M.F.(1989). Os novos modos de compreender: a geração audiovisual e do computador. São Paulo: Paulinas.
- Beccari, A. e Tanaka, R.(1991, setembro). Fábrica de homens. In Globo Ciência. I(2), 55 - 62. São Paulo: Globo.
- Bernardi, M.(1991). A deseducação sexual. São Paulo: Summus.
- Camargo, L.(1989). Arte - educação: da pré-escola à universidade. In L. Camargo (Org.). Sobre arte-educação (pp. 11 - 22). São Paulo: Nobel.
- Côrte, B. (1996, outubro). Solidão grupal e tribalização. Atrator Estranho, 24. São Paulo: NTC/ECA/USP
- Courtine, J. J.(1994). Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In D. B. de Sant'Anna (Org.). Políticas do corpo (pp. 81 - 114). São Paulo: Estação Liberdade.
- Couto, E. S. (1994, dezembro). Corpo, uma embalagem tecnológica. Atrator Estranho, 08. 37 - 39. São Paulo: NTC/ECA/ USP.
- Figueiredo, M. B.(1993). Relevância da expressividade da criança pré-escolar. Educação, 24. 97 - 111. Faculdade de Educação - PUCRS.
- Fischler, C.(1994). Obeso benigno, obeso maligno. In D. B. de Sant'Anna (Org.). Políticas do corpo (pp. 69-80). São Paulo: Estação Liberdade.
- Foucault, M.(1991). Vigiar e punir. Rio de Janeiro: Vozes.

- Guimarães, I.(1995). Educação sexual na escola - mito e realidade. Campinas: Mercado de Letras.
- Johnson, D.(1990). Corpo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Kenski, V. M.(1996) Os jovens e a apropriação de conhecimento na sociedade atual. Manuscrito não publicado.
- Le Bretton, D.(1994). A síndrome de Franskstein. In D. B. de Sant'Anna (Org.) Políticas do corpo (pp. 49-67). São Paulo: Estação Liberdade.
- Lévy, P.(1993). Os três tempos do espírito: a oralidade primária, a escrita e a informática. In P. Lévy. As Tecnologias da Inteligência (pp. 75-132) Rio de Janeiro: Editora 34.
- Marcondes Filho, C.(1994). Sociedade tecnológica. São Paulo: Scipione.
- Marcondes Filho, C. (1996, outubro). Solidão grupal e tribalização. Atrator Estranho, 24. São Paulo: NTC/ECA/USP
- Marques, I.(1996). A dança no contexto: uma proposta para educação contemporânea. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- Pociello, C.(1994). Os desafios da leveza. In D. B de Sant'Anna. (Org.) Políticas do corpo (pp. 115-120). São Paulo: Estação Liberdade.
- Sant'Anna, D.B.(1994). Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In D. B. de Sant'Anna (Org.) Políticas do corpo (pp. 121-139). São Paulo: Estação Liberdade.
- Schmitt, J.C.(1994). A moral dos gestos. In D. B de Sant'Anna (Org.) Políticas do corpo (pp. 141-161). São Paulo: Estação Liberdade.
- Silva, K. M. (1994, dezembro). O corpo sentado: notas e críticas sobre o corpo e o sentar na escola. Trajetos, 1 (1). 95-109 . São Paulo: Cortez.

Shilling, C.(1993). The body and social theory. London. Sage Publications.

Vigarello, G.(1994). Panóplias corretoras: balizas para uma história. In D. B de Sant'Anna. (Org.). Políticas do corpo (pp. 21-38). São Paulo: Estação Liberdade.

*** Ilustrações:** Alexandre Aideki Alves e Kelynn Midori Alves